

Conexão underground - contracultura

CLAUDIO LEAL

Folha de S.Paulo, 12/07/2015

No tabloide, Luiz Carlos Maciel transformou a coluna "Underground" em observatório pioneiro das rebeldias existenciais e políticas da juventude brasileira e internacional naqueles tempos de contracultura.

RESUMO Aos 77 anos, o guru de uma geração prepara livro sobre a relação entre o filósofo Heidegger e os hippies. Responsável por uma coluna em "O Pasquim" que foi pioneira na divulgação da contracultura no Brasil, o escritor, jornalista, diretor de teatro e roteirista gaúcho Luiz Carlos Maciel hoje está à procura de emprego.

*

Num hospital do Rio de Janeiro, Luiz Carlos Maciel assistia à oração de evangélicos da Igreja Deus é Amor, reunidos por uma amiga em torno de seu leito. A pneumonia trazia-lhe pensamentos desordenados. O ensaísta relembrou uma imagem criada pelo antropólogo Carlos Castaneda, que situava a morte pessoal no lado esquerdo do ser humano, um pouco recuada, à distância de um braço, para servir de conselheira ao longo da vida.

De uma geração colorida pelos encontros com o hinduísmo, o budismo e o taoísmo, o influente teórico e divulgador da contracultura nos anos 1960 e 70 ouviria dessa vez uma pergunta vigorosa de religiosos pentecostais. "Aceito Jesus", respondeu Maciel, em lágrimas, na UTI.

O episódio entrou em seu recente livro "O Sol da Liberdade" [Vieira & Lent, 296 págs., R\$ 39], lançado no segundo semestre de 2014, e a presumida conversão evangélica surpreendeu alguns amigos. Advertido pela editora sobre a ambiguidade do epílogo intitulado "O Rei dos Reis", Maciel o manteve, preparando-se para os mal-entendidos.

"Deixo isso no ar!", diverte-se, recuperado da internação. "Nunca frequentei, não sou da igreja, não gosto de igrejas, nenhuma delas, nem cristã, nem hinduísta, nem budista, nenhuma. Acredito nas doutrinas mas não nas organizações criadas para fazer a cabeça das pessoas", esclarece, talvez para o descanso de antigos leitores. Somente uma ressalva: "Sempre, em toda a minha vida, aceitei Jesus, um iluminado, um mestre".

A luz moderada de uma tarde de maio envolve seu apartamento cheio de caixas de documentos para a mudança de endereço, ali mesmo no Leblon. Resistem os toques orientais na decoração. Aos 77 anos, depois de trabalhar por duas décadas na Rede Globo e mais outra na Record, em núcleos de roteiro, Maciel está desempregado há um ano, e sem qualquer rendimento fixo. Segundo relata, não tem aposentadoria e, de uns tempos para cá, os convites minguaram.

"Sairei daqui para um apartamento menor", disse, incerto quanto aos motivos de seu isolamento: "Só sei que sou maldito". Este ano, ainda pretende emplacar o monólogo "Morrer, Dormir, Talvez Sonhar" (um inventário de suas experiências com a morte), além de dois roteiros de cinema, um deles baseado no arquétipo de Romeu e Julieta.

Maciel mantém a mística de ter feito parte da patota inicial de "O Pasquim", o famoso semanário humorístico nascido de conversas entre Tarso de Castro, Jaguar e Sérgio Cabral, e levado às bancas em junho de 1969.

No tabloide, Maciel transformou a coluna "Underground" em observatório pioneiro das rebeldias existenciais e políticas da juventude brasileira e internacional naqueles tempos de contracultura. Filtrava ali informações sobre movimentos de vanguarda, experiências com drogas, sexualidade, música, literatura, religiões e tremores outros que sacudiram a "Era de Aquário" –supostamente inaugurada pelo festival de Woodstock, em agosto daquele ano.

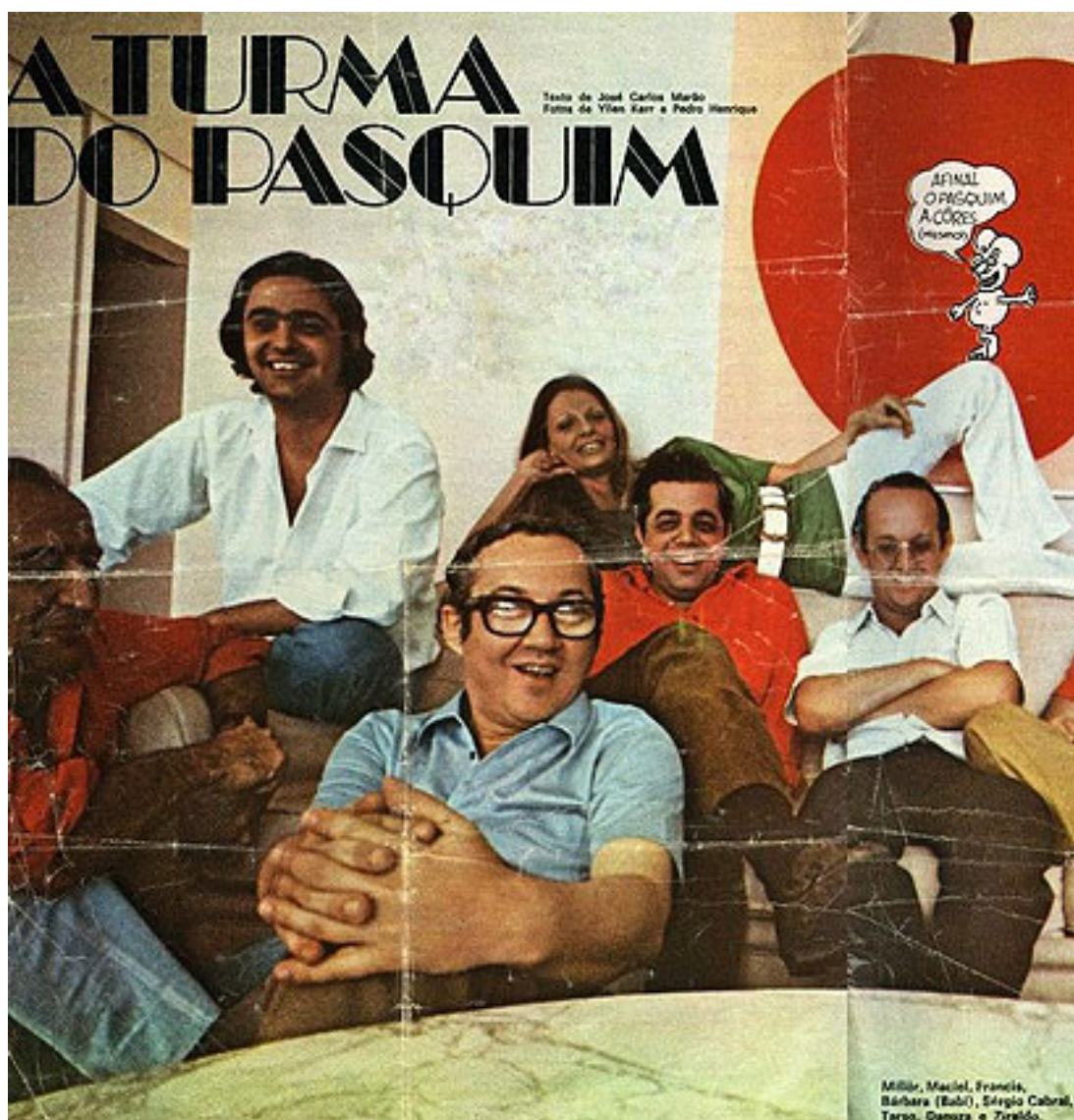
GURU

Sem jamais receitar mantras, acabou carregando o epíteto de "guru da contracultura". Cansado do chavão, transparece uma índole de guru relutante. "Isso é uma coisa da mídia. Quanto mais eu vivo, mais acho que a natureza da mídia é a estupidez", espeta, ainda que a orelha de seu livro registre o título. Houve o dia em que, adoentado e autoirônico, previu uma manchete de jornal: "Morre Luiz Carlos Maciel, o guru da contracultura".

A pecha de mestre espiritual não faz justiça ao seu repertório erudito, que não se restringe à contracultura, nem se ampara em jogos esotéricos e misticismos. Mesmo quando advogou em defesa do "poder dos sentidos", como o fez no "Manifesto Hippie" publicado no "Pasquim", manteve uma crença flexível na racionalidade.

"Foi um homem, não digo racionalista no sentido ortodoxo, mas um mediador. Sempre tendeu à possibilidade de harmonia entre a razão e a emoção, o sentimento e a imaginação", afirma o designer gráfico Rogério Duarte, um dos mentores da Tropicália e cofundador do jornal alternativo "Flor do Mal", aventura compartilhada com o amigo no fim de 1971.

Miscelânea de ensaios novos e antigos, organizados por Patrícia Marcondes de Barros, doutora em história pela Unesp, "O Sol da Liberdade" repassa as vanguardas efêmeras da década de 1960 e aborda questões políticas atuais. Análises do fortalecimento da direita e do fuzuê dos "black blocs" são vizinhas de reflexões sobre filósofos, escritores e artistas como Norman O. Brown, Norman Mailer, Herbert Marcuse, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Castaneda, Philip K. Dick, Caetano Veloso, Gilberto Gil, João Ubaldo Ribeiro e Rogério Duarte.



Millôr, Luiz Carlos Maciel, Paulo Francis, Bárbara Oppenheimer, Sérgio Cabral, Jaguar, Tarso de Castro, Danusa Leão e Ziraldo, na revista "Realidade", em 1970, em recorte guardado por Maciel

No estudo dos "black blocs" brasileiros, assíduos nos protestos de junho de 2013, Maciel não encontra bestas-feras, mas sim anarquistas românticos, que quebram caixas de bancos e não recolhem o dinheiro. "O anarquismo é um romantismo", sentenciou em "O Mistério dos Vândalos". Sorridente, atualiza o ensaio: "Este ano, não se viu 'black bloc' em nenhum lugar. Quer dizer, estou considerando que esses 'black blocs' já eram. O movimento nasceu, se desenvolveu e morreu. Em um ano. Não é espantoso? E achavam que os hippies tinham durado pouco, hein?".

Mais preocupante é o "retrocesso geral na vida coletiva", enfatiza Maciel. "Em política, é uma coisa escandalosa. Toda a complexidade foi eliminada e reduzida, de novo, a um flá-flu entre esquerda e direita, entre governo e oposição. A grossura é cada vez maior."

"Infelizmente —não sei se digo 'infelizmente', para mim é indiferente—, a maior parte de minha geração, de escritores e intelectuais, foi tudo para a direita. Considero esses caras que foram meus companheiros de geração tudo fascista. São udenistas. A UDN brigava com Getúlio [Vargas] e o PTB, eles brigam com o PT e o Lula. Igualzinho", compara. E faz uma advertência aos críticos da postura inercial da presidente Dilma Rousseff: "Dilma pode não conhecer o que diz Lao Tsé, mas ela é taoista pela própria natureza. É a não ação. Não estão sabendo de nada!".

TROPICÁLIA

Gaúcho de Porto Alegre, nascido em 15 de março de 1938, Luiz Carlos Maciel formou-se em filosofia na Universidade do Rio Grande do Sul. Estudante influenciado pelo existencialismo e imerso na cena teatral, atreveu-se a dirigir aos 19 anos a peça "Esperando Godot", de Samuel Beckett. Em 1958, após uma viagem a Recife com o Teatro Universitário, dirigido por Antônio Abujamra, conheceu em Salvador um rapaz obcecado por cinema: Glauber Rocha.

Confiante na profecia glauberiana de que a Bahia seria "o berço da nova cultura brasileira", Maciel decidiu morar em Salvador no ano seguinte, com o apoio de uma bolsa de estudos da Escola de Teatro. Glauber o escalaria como protagonista do curta "A Cruz na Praça", hoje desaparecido, cujo enredo envolvia uma paquera homossexual.

É de 1959 o primeiro livro de Maciel, "Samuel Beckett e a Solidão Humana", editado em Porto Alegre. No final daquele ano, aproveitou um intercâmbio da universidade baiana com a Fundação Rockefeller e foi estudar direção teatral no Instituto Carnegie de Tecnologia, em Pittsburgh (EUA).

Os 18 meses americanos serviram para aprofundar suas ideias políticas, debaixo do estrondo da Revolução Cubana, e conhecer a prosa de Norman Mailer e da geração beat de Jack Kerouac e Allen Ginsberg. No retorno à Bahia, assumiu uma cadeira de professor.

Ex-aluno e assistente de direção de Maciel na montagem de "Morte e Vida Severina", de João Cabral de Melo Neto, Jorge Salomão recorda-se dos exercícios ministrados pelo jovem mestre, em 1963: "Era totalmente experimental. Aprendemos com ele a improvisar. Uma vez, pediu para cada um pegar uma pintura –escolhi Goya– e discutir a dramaticidade dela".

A beleza física também é evocada por contemporâneos: as sobrancelhas grossas e coladas compunham uma masculinidade sem rudeza. Pouco antes do golpe de 1964, Maciel passou a residir no Rio, acomodando-se no apartamento de Glauber.

Outra vez anônimo, embarcou no jornalismo: inicialmente, no "Panfleto" de Tarso de Castro, vinculado a Leonel Brizola. Fora das redações, ligou-se ao teatro vanguardista e dirigiu o filme "Society em Baby-Doll" (1965), no qual revelou a atriz Marieta Severo. Cedou, virou um entusiasta do movimento tropicalista, e não demoraria a ser incluído "entre o hippie e a Tropicália" na canção "Cosa Nostra", de Jorge Ben.

"Nunca mais vi isso acontecer, mas houve em nossa geração essa sintonia espontânea. Caetano se identificava com Glauber, que se identificava com Zé Celso, que se identificava com Glauber", observa Maciel. Um elo a mais: em 1967, Zé Celso admirava o "gaúcho-baiano", que assumiu um laboratório no Teatro Oficina, sendo encarregado de construir um novo estilo interpretativo, proveniente da mistura alquímica entre Bertolt Brecht e os improvisos dos atores. Um marco do moderno teatro brasileiro, a encenação de "O Rei da Vela", de Oswald de Andrade, originou-se de uma dica do professor visitante.

"No Rio Grande do Sul, Ruggero Jacobbi (diretor e crítico italiano, 1920-81) leu toda a dramaturgia brasileira e ficou maravilhado com a obra teatral de Oswald. Ele passou isso pro Maciel, que poderia passar pra mil pessoas, mas passou pra mim, para o Oficina. O 'Rei da Vela' iluminou toda a nossa geração da Tropicália", conta José Celso Martinez Corrêa. "Todos nós estávamos em transe. E nesse transe ele foi um dos bruxos."

Caetano Veloso mantém uma afinidade iniciada há mais de 50 anos. "Maciel, desde a juventude em Salvador, foi para mim uma clareira no mundo mental da esquerda. Ele mostrava interesse pelos autores que estavam fora do cânone de Lukács. Coerente com ele ter sacado a contracultura. No dia em que parti para Londres ele me pediu que escrevesse para um jornal de resistência que amigos seus estavam fundando: 'O Pasquim'. Eu mandava meus textos para ele. E a coincidência de seus interesses com os nossos (o rock inglês, as filosofias orientais, as drogas alucinógenas, os movimentos dos negros, das mulheres e dos veados) indicavam que ele seria quem melhor iria acompanhar o desenrolar da contracultura desde a perspectiva brasileira. Eu o adoro e nunca deixei de conferir o que ele escreve", diz Caetano à Folha.

No "Pasquim", Maciel sacudiu o jornalismo brasileiro ao lado de Jaguar, Henfil, Fortuna, Ivan Lessa, Millôr Fernandes, Paulo Francis, Sérgio Augusto, Sérgio Cabral, Tarso e Ziraldo. Bolada por Tarso – "você pode botar todas essas maluquices suas" –, a coluna "Underground" atraía cartas abundantes de jovens em busca de um guru que os livrasse de repressões sexuais e males do espírito. O jornalista trazia as boas, e às vezes as trágicas, de artistas como Janis Joplin (entrevistou-a no Copacabana Palace), Jimi Hendrix e Richie Havens.

"Maciel era a doçura, Tarso era o gauchão de fronteira, já entrava montado a cavalo", brinca o cartunista Ziraldo. Durante os dois meses de prisão de integrantes do "Pasquim", no final de 1970, Maciel caiu numa leve "deprê" na Vila Militar. "De todos nós era o que mais sentia falta da companheira. No resto, era muito divertido, deve ter lido uns 30 livros", recorda-se Ziraldo. Acostumado à tesoura da censura, o cabeludo Maciel teve de enfrentar a tesoura de um tenente que ordenou o corte das suas madeixas.

DISCÓRDIA

Em 1971, apontado como gestor perdulário, Tarso brigou com uma parte dos colegas e deixou o "Pasquim". Sem respaldo, Maciel enfrentaria a pinimba de Millôr, espécie de interventor para recuperar as finanças do jornal. "Millôr mandou cortar a minha grana. Mas, pra sacanear, fiquei escrevendo mesmo sem receber (até 1972)", lembra. Depois de cair fora, engajou-se no nanico "Flor do Mal" e na versão brasileira da revista "Rolling Stone", crias radiantes e breves.

Maciel situa na fase pós-Tarso o início das hostilidades do "Pasquim" contra os baianos Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil e Maria Bethânia, qualificados de "bahianos", invasores odaras do Rio –em resposta, os ofendidos se assumiriam "doces bárbaros". "Millôr tinha horror (aos tropicalistas). Tinha uma personalidade muito forte e influenciava os outros. Quem tinha uma personalidade forte, também, era o Francis. Aí eles formaram uma dupla e dominaram o 'Pasquim'. Só não iam atrás o Tarso e eu", sustenta.

Ziraldo pondera que as idiosincrasias dos envolvidos prejudicam a análise dessa ruptura. Não havia pensamento único. "É uma história superlonga. Cada um vê o fato de seu jeito. Cada um conta a sua história. Ninguém mandou ir embora, apenas o jornal tomou outro caminho. Não houve desavença com Millôr. O jornal achou melhor ir pra luta política", pacífica.

Auto-declarado colaborador "expulso", o compositor Jorge Mautner identifica "uma linha de pensamento contra a outra" –e afiança: "Foi um ciúme do 'Pasquim'. No retorno do exílio, Caetano e Gil tinham um poder de agregação maior".

Caetano estima que o começo da discórdia pode remontar a 1964. "Paulo Francis escreveu na Folha, nos anos 80, que o Rio de Janeiro começou a acabar quando Maria Bethânia substituiu Nara (Leão) no 'Opinião'. Depois de desancar a interpretação de 'Carcará' por Bethânia, ele concluía: 'E atrás dela veio essa gente'. Acho que havia uma combinação de ciúme geracional, esnobismo com relação à música popular e preconceito antinordestino. A rejeição de Millôr a Chico Buarque mostra o ciúme e o desprezo. Nós éramos, além de tudo, baianos. E ligados ao ideário da contracultura", avalia o músico.

"Apesar de poder haver divergências de interesses, acho que isso não era o núcleo da questão", prossegue Caetano, exilado com Gilberto Gil em Londres, entre 1969 e 1972. "Eles viram nossa volta como chance para publicar hostilidades antigas. Me doeu porque meu culto a Millôr e minha admiração por Francis eram muito mais antigas. O primeiro foi herói de minha infância. O segundo, figura influente de minha adolescência. Uma vez Jaguar foi a minha casa na Bahia com Rosinha de Valença e me confessou amor, pediu perdão e disse que toda a hostilidade do 'Pasquim' se devia a Millôr. Dedé, que estava comigo, achou covarde. Agora li no livro de Maciel uma confirmação do que Jaguar contou."

FILÓSOFO

Com um passado de amizades masculinas intensas, Maciel confessa ter poucos amigos, e nem é uma solidão, pois ao seu redor florescem as amigas. "A mulher é mais inteligente do que o homem, tem

mais convivência com os segredos finais do ser." Do casamento com Yonne d'Argollo Ferrão, nasceram dois filhos, Lúcia Maria e Roberto. Nos anos 60, casou-se com a atriz Célia Azevedo. Desde 1976 está firme com Maria Cláudia, a bela estrela de novelas da Globo dos anos 70 e 80.

Numa cadeira, a um braço do dono, o gato Serápis o observa de olhos mansos. O nome peludo veio de uma divindade helenística-egípcia e evoluiu para os apelidos Serapinho e Pinho. Outros sete gatos estão pela casa. Encasacado, barba e cabelos prateados, o escritor descreve as chatices de uma doença pulmonar obstrutiva crônica (enfisema): "Não sei quantas pneumonias eu tive. Aí é um saco. Dez dias de antibióticos, eu vou pro hospital, levo um tempo pra me recuperar". Por conselho médico, largou o cigarro e as bebidas alcoólicas.

"Vou retornar à contracultura por causa do Heidegger", avisa. No próximo livro, associará o filósofo alemão à vivência dos hippies. "A contracultura e o movimento hippie não tiveram um pensamento por trás. Era uma intuição. Viviam todo mundo cabeludo, fumando maconha, tomando LSD. Não estavam confrontando nada. Heidegger poderia explicar essa situação."

Os hippies gostavam de guitarra elétrica, mas não viviam tecnologicamente. De seu lado, "Heidegger achou que a tecnologia era a manifestação mais brutal e evidente do que ele chamou de esquecimento do ser". Além disso, o autor de "Ser e Tempo" e os hippies possuíam uma idêntica propensão ao mundo rural, abertos à influência das doutrinas orientais. "O contato com a natureza daria mais acesso à lembrança do ser", Maciel argumenta. "Acho que o Heidegger tinha para ele que estava além da política. Se o pensamento estava além da política, foda-se o marxismo, o nazismo pra esquerda, o nazismo pra direita. Isso não teria importância. Eu me lembro que, na minha época de hippie, desenvolvi uma indiferença intuitiva pra política."

Velho tema contracultural, a questão das drogas leva Maciel a citar o neurocientista americano Timothy Leary: "As drogas são substâncias que enlouquecem as pessoas que não as usam". É possível uma convivência feliz com a maconha, a cocaína e o LSD?

"Pergunte a Morgan Freeman, aquele ator de Hollywood, que queima fumo todos os dias", galhofa. "É evidente que as substâncias têm consequências diretas. Já se disse que um remédio é remédio em pequena quantidade. Em grande quantidade, é veneno. De um jeito mata, de outro cura. O ácido tonifica o sistema nervoso. Nos dias seguintes à viagem, você fica numa boa, dá uma felicidade que não se sabe por quê. Agora, se tomar todo dia, você pira, fica psicótico, maluco."

Um apego amoroso ao mundo atravessa a expressão de Maciel na hora de falar dos prejuízos da ausência de emprego na maturidade. "Amor fati, disse Nietzsche no final da vida, quando descobriu que o buraco é mais embaixo. Amor ao que acontecer. Se você não amar a desgraça que acontece, você não está amando a vida. Você tem que amar a vida sempre. O único valor que existe é a vida. Então, amor fati, vamo que vamo, é o jeito" –ele sorri, na dele.

CLAUDIO LEAL, 33, é jornalista